

Economia em transformação: sustentabilidade, desenvolvimento e tecnologias



Paula Berman

Apresentada em 10 de novembro de 2021, na 7ª Semana de inovação: Ousar Transformar.



Moderadora da palestra:
Adriana Ligiero

Resumo da palestra: Em sua apresentação, Paula Berman traz o conceito de Voto Quadrático, para mostrar que as votações, tanto para eleger membros do Poder Executivo, como para tomada de decisões importantes, podem ser menos polarizadas e incluir mais a opinião da população, isto é, os maiores interessados quando o assunto é políticas públicas.

Palavras-chave: voto quadrático; polarização; tecnologia.



ADRIANA: E agora vamos ouvir a Paula Berman, que vai abordar os grandes desafios do uso de tecnologias emergentes para a promoção do crescimento econômico e descentralização. A palavra é sua, Paula. Você tem 10 minutos.



PAULA: Bom, eu acho que essa vai ser uma continuação interessante para essa fala agora da Carlota*. Queria primeiro agradecer o convite. Eu acho que a Enap é uma instituição pública que faz a gente ter muita fé no futuro, muita fé no Brasil. Estou superfeliz de estar participando aqui. Eu trabalho para a Radical Xchange, que é uma organização que fala justamente de inovações institucionais, que era isso que a Carlota estava abordando, e como a gente consegue tomar decisões. A gente está aqui falando sobre como desenvolver uma economia mais sustentável, como contemplar os desafios da mudança climática... e todas essas são decisões que são políticas e sociais, além de econômicas.

*Paula Berman se refere à Carlota Perez, com a palestra intitulada “Economia em transformação: sustentabilidade, desenvolvimento e tecnologias”, também apresentada na 7ª Semana de Inovação: Ousar transformar.

A gente precisa pensar em como podemos ter inovações institucionais que nos ajudem a contemplar esses desafios de alta complexidade que enfrentamos agora, como as mudanças climáticas, como pandemias, como uma polarização extrema, que é uma coisa bem latente no nosso país...

E em como a gente pode usar a tecnologia da informação para criar novas instituições que tragam equilíbrio entre o mercado e o Estado. Em como a gente pode ter a inteligência do mercado e o papel coesivo do Estado, enquanto a gente está tomando essas decisões econômicas e políticas...

Eu queria dar dois passos para trás e fazer uma reflexão sobre tecnologia, já que o tema é tentar entender como as tecnologias podem fortalecer e ajudar as nossas instituições a contemplarem esses desafios econômicos e ecológicos que a gente têm pela frente. É interessante tentar dar um "zoom" nesse termo, nesse conceito de tecnologia, para ver o que a gente entende por ele... A gente normalmente entende a tecnologia como as ferramentas que as pessoas e o coletivo vão usar para atingir objetivos definidos, mas eu queria adicionar um pouquinho mais de nuance e olhar para a tecnologia como um espectro: de um lado, a gente tem tecnologias assistivas, que vão empoderar indivíduos, coletivos, empresas, organizações... e, do outro lado deste espectro, a gente tem as tecnologias autoritárias, que são aquelas que tiram esse empoderamento e reduzem essa concentração de poder para um grupo de pessoas. Então, esse espectro da tecnologia pode ser olhado... um dos olhares que a gente pode ter sobre essa concentração de poder é para tentar entender qual é o quadro ideológico, qual o impacto político de tecnologias que a gente pode usar para inovação institucional.

Como a gente pode pensar em tecnologias assistivas e expandir a produção delas na nossa sociedade? Um dos desafios é que quando a gente pensa em tecnologia da informação, muito do que a gente faz é pensar em “broadcasting”, que é a ideia de disseminar informação em larga escala. E esse é o paradigma ao redor do qual muito do nosso desenvolvimento tecnológico, de tecnologia da informação, se centra.

E então temos uma outra categoria, que deveria vir equilibrando essas tecnologias de “broadcasting”, que a gente pode chamar de “broad-listening”, que é a tecnologia para escuta, resolução de conflitos e coordenação de objetivos em larga escala. Então, essa é uma nova forma de olhar para tecnologias, que a gente pode chamar de tecnologias sociais, na qual, ao invés de simplesmente pensar em tecnologia como uma ferramenta para ajudar as pessoas a se coordenarem ao redor de objetivos específicos, a gente pode olhar para a tecnologia social englobando todo esse processo e retirando esse elemento do objetivo definido.

Então, pensar em tecnologias sociais que ajudem grupos a se coordenarem, para definir quais são os seus objetivos, e para que a gente consiga chegar a esse consenso de tomar decisões como comunidade, como sociedade, que nos levem para um paradigma de uma economia mais sustentável.

A primeira tecnologia social que a gente conhece é a democracia. Essa é a tecnologia social mais antiga que a gente tem, mas eu queria apresentar aqui, bem brevemente, algumas tecnologias sociais radicais que a gente pode usar para aumentar a nossa capacidade de fazer coordenação em larga escala, escuta em larga escala e direcionamento de objetivos em larga escala.

Quando a gente quer fazer democracia em larga escala, tem uma série de desafios. Um deles é que trazer lideranças e expertise à tona é muito difícil e tem uma série de novos modelos por aí, de democracia líquida, de assembleias cívicas, para tentar contemplar esse desafio.

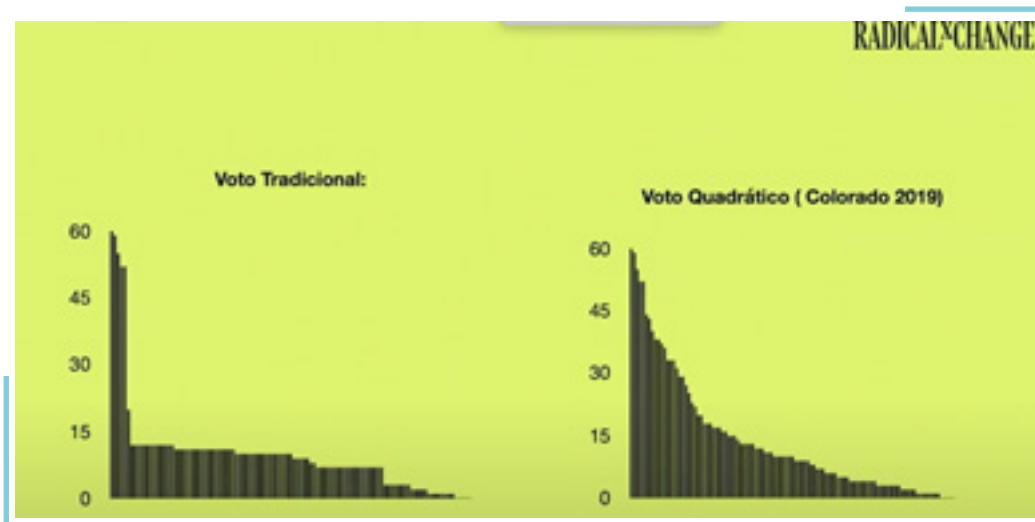
Tem a questão de que deliberar com qualidade em larga escala é muito difícil. A gente vê como é difícil... As redes sociais são as ágoras dos tempos contemporâneos e a gente tem muita polarização. Isso torna muito difícil a tomada de decisão política. Essa é uma dor que a gente sente fortemente aqui no Brasil. Eu vou comentar sobre essa... E tem a questão da tirania da maioria, que é uma questão central dentro da nossa democracia, na qual, simplesmente, você tem um sistema no qual cada pessoa pode votar com um voto, o que leva a um resultado no qual uma maioria pode oprimir diversas minorias. E isso é como se fosse uma camisa de força dentro da qual esse sistema de votação acaba nos prendendo. E a gente sabe que leva uma série de desafios para os processos democráticos. Então eu vou focar aqui, nesses minutos que me restam, na tirania da maioria, e comentar sobre a questão da deliberação também. Como eu falei, democracia é um sistema onde a maioria pode tirar os direitos da minoria e, além disso, a gente tem também a questão da tirania da maioria indiferente.

É que em sistemas tradicionais, é muito comum que você tenha essas decisões políticas, nas quais as pessoas que menos se importam com uma questão, aquelas que são indiferentes, são as que mais têm força na hora de determinar os resultados. Tem um exemplo bem simples aqui, no qual você tem 45% das pessoas preferindo cachorros, 45% das pessoas preferindo gatos, e você tem aqueles 10% que estão em cima do muro, que não se importam muito com a questão. E são justamente eles, os indecisos, que acabam tomando as decisões mais importantes que a gente têm na nossa sociedade. Isso é muito comum...

Além da tirania da maioria, a gente tem a tirania da maioria indiferente. Vou contar aqui sobre um método de votação, uma tecnologia social radical que traz um equilíbrio entre a inteligência de mercado, porque ele tem um sistema de preço e um sistema que visa ter mais representatividade, e que ajuda a tirar a gente dessa situação da tirania da maioria. Então o Voto Quadrático tem um nome esquisito, mas ele funciona de forma bem simples. Todo cidadão tem uma série de créditos e o preço do voto dele é a raiz quadrada do número de créditos. Então, 1 voto custa 1 crédito; 2 votos custam 4; 3 custam 9; 4 custam 16; 5 custam 25; e esse preço cresce de forma exponencial.

Então, se você quiser gritar, você tem uma preferência muito forte, você pode expressar isso, e isso ajuda com que a minoria se coordene e expresse suas preferências fortes. Mas você vai pagar um custo, tem um preço para essa expressão mais forte, e você tem um orçamento político, digamos assim, mais limitado. Isso significa equilibrar as minorias e as majorias, porque ele dá um poder maior para quando você tem esse sistema de preço, pois ele prioriza um número maior de eleitores. Eu tenho um exemplo aqui que, uma pessoa colocando nove votos, ela teria que gastar 81 créditos para poder alocar nove votos. Nove pessoas colocando um voto, teriam esse mesmo impacto dos nove créditos, mas o custo total seriam apenas nove créditos de voz. Então, ele traz essa força maior para grupos que se coordenam ao redor de uma causa que lhes concerne.

E, além disso, ele traz muito mais riqueza para os resultados. Aqui estou dando um exemplo do estado do Colorado, onde a gente já aplicou esse método. Eles tinham uma votação, na qual eles tinham que priorizar uma série de propostas – mais de 100 – e eles, usando métodos de voto tradicional, sempre tinham um resultado onde você tinha poucas propostas no topo e pouco sinal nas propostas restantes. E com o voto quadrático, a gente consegue ter uma curva bem precisa, mostrando qual é a prioridade de cada uma dessas propostas.



E, além disso, ele diminui também a polarização, justamente por trazer essa riqueza de nuances, de detalhes. Aqui estão alguns exemplos de como você, usando uma escala tradicional de desaprovo fortemente/aprovo fortemente, gera resultados que são mais polarizadores, aqui do lado esquerdo, e, do lado direito, com o voto quadrático, você tem essa nuance de preferências maiores. Eu sei que a gente já está aqui passando um pouquinho do tempo, mas só trazendo também um outro exemplo de tecnologia social radical que pode ajudar a gente a fazer essa escuta e essa coordenação social em larga escala. Outro problema central é que deliberar com qualidade é muito difícil. Em grupos pequenos, a gente consegue ter uma riqueza de debates, o que é muito difícil de ter de forma digital, online, em larga escala.

Então, vou trazer aqui o exemplo de uma tecnologia que se chama pol.is, que é muito utilizada em Taiwan, e que nós, como organização, estamos trabalhando com diversas instituições para aumentar a adoção. Ela traz essa riqueza na deliberação de grupos - que a gente tem em grupos pequenos - mas ela consegue fazer isso online, com milhares de pessoas, e funciona de forma bem simples. Você pode abrir uma conversa, em que cada pessoa pode colocar a sua opinião. Por exemplo: o que você gosta de cozinhar? Macarrão. E aí, cada pessoa contribui para as suas visões, e todas as pessoas podem concordar, discordar ou simplesmente passar. E o que essa inteligência artificial vai fazer é que ela é pró-social, ao invés das nossas redes sociais que são antissociais e geram mais polarização.

Ela vai dividir as pessoas em bolhas de opinião e, então, ela vai ver quais são as propostas de consenso que são aprovadas por pessoas entre diferentes bolhas de opinião. Para dar um exemplo bem concreto, eles estavam legislando como o Uber deveria ser regulamentado. Se vocês se lembram, o Uber foi uma questão muito séria quando entrou aqui no Brasil e foi assim em Taiwan também.

E tinha aquele grupo que achava que era anti-Uber, que achava que isso era uma ameaça aos taxistas, e tinha aquele grupo que era pró-Uber e pró-inovação. Nada muito diferente do que a gente viu aqui, a típica situação polarizada. O que essa tecnologia faz? Ela olha quais são as propostas que estão curtidas pelos grupos pró e anti-Uber. E o que eles tiveram nesse caso? Eles tiveram uma série de resultados bem interessantes. Por exemplo, que os táxis não precisavam mais ser da cor laranja, que podiam ser de qualquer cor, e que também a regulamentação da forma como os táxis funcionam tinha que ser renovada, para que eles pudessem competir de forma justa com os novos serviços de aplicativo.

Então, é uma coisa de muito bom senso, que uma tecnologia pró-social ajuda a gente a encontrar, e que se aplica à maior parte das situações muito polarizantes, que são nas quais a gente tem muito mais consenso, mas esse consenso não é revelado pelas novas tecnologias de informação que a gente usa hoje.

Então, só passando aqui um exemplo de que a gente trabalha com esse tipo de tecnologia no Brasil, estamos trabalhando com votos quadráticos, com várias escalas municipais no governo do Colorado, em Taiwan... e fica aqui o convite para a gente continuar essa conversa.



ADRIANA: Obrigada, Paula. Olha, impressionante como você consegue, de maneira muito didática, nos trazer alguns exemplos de resultados concretos de como você pode usar a tecnologia para promover uma coordenação em mais larga escala. Agora fiquei com vontade de fazer mais 1 milhão de perguntas. Imagino que vai chover visita ao site da RadicalXchange. Temos um monte de perguntas por aqui também e na sequência vamos ter um bate papo.

Paula, a Carlota Perez falava exatamente dessa necessidade de pivotar o governo, de o governo agir de uma maneira diferente e de realmente começar a trabalhar orientado para essas grandes missões e reunindo os vários atores voltados para esses temas, para construir esses consensos de maneira ampla. E aí eu queria fazer duas perguntas do nosso público.

Uma delas: qual é o perfil e competências necessárias aos gestores públicos para que eles estejam capacitados para fazerem essa transformação para uma economia sustentável e para que eles tenham essas condições de realizar essa colaboração, essa articulação?

E também uma segunda pergunta, que é relacionada mais ao nosso sistema eleitoral brasileiro, que é considerado um dos mais proporcionais do mundo: há muita voz para as minorias, também temos um segundo turno na eleição para o executivo... Por que esse método é melhor?

E aí eu entendo que estão se referindo ao método quadrático... Mas, até fazendo gancho com a fala da Doutora Carlota, eu acho que poderia se utilizar essas tecnologias sociais não só para as eleições diretas, mas também em vários momentos de concepção de política. Como você vê isso, Paula?



PAULA: Ótimas perguntas! A começar pela última, já concordando com você, que o voto quadrático, claro, não se restringe a eleições presidenciais mas, nesse caso, ele tem uma utilidade interessante, que é a questão do voto útil ou o voto estratégico com que ele lida. Quando você consegue distribuir seus créditos em uma pluralidade de opções de candidatos, você não tem incentivo para fazer aquele voto estratégico em um candidato que você não necessariamente aprova, mas que você acha que vai ter mais condições políticas, mais viabilidade política frente a um candidato que você desaprova.

Muitas vezes a gente tem o voto de protesto. E poder escolher mais de um candidato, já abre um pouco esse escopo, para a gente não ficar tão limitado na questão do voto estratégico. Mas, novamente, concordo muito com o que a Carlota trouxe, porque eu acho que, e já conectando isso com a primeira pergunta, qual o perfil do servidor público para que ele possa trazer essa inovação? Eu acho que tem uma questão no sentido de começar pequeno.

Claro, eu trouxe alguns exemplos bem específicos de tecnologias sociais radicais que a gente entende que podem ajudar, podem ter um impacto profundo. Mas, como a gente sabe, as decisões dentro do governo sempre envolvem muito risco, e tem uma série de processos burocráticos para que a gente consiga fazer uma implementação, fazer qualquer mudança.

Então é interessante olhar primeiro para quais são as decisões nas quais você tenha menos pressão, um risco mais controlado, para que você consiga experimentar com esses processos decisórios e ver quais são as vantagens que eles podem trazer, para, aí sim, em um segundo momento, trazer isso para as decisões maiores.

No estado do Colorado, nos Estados Unidos, a gente teve um processo bem interessante. A gente começou conversando com eles, e fazendo a implementação, em 2019, do voto quadrático para um orçamento extra que eles tinham que distribuir ao final do ano entre mais de 100 propostas. E o pessoal gostou tanto... eles viram que realmente era uma metodologia que, o nome é complicado, mas fácil de implementar, e que resolve problemas práticos. Como eu mostrei, traz muito mais nuances para os resultados. Já começaram a usar isso para tomar decisões internas dentro dos diferentes gabinetes do estado do Colorado, onde eles tinham que priorizar algumas questões.

E, para fazer esse trade-off entre quais são as prioridades entre os gabinetes, eles começaram a usar esse método, porque viram que deixava todo mundo muito mais satisfeito com os resultados, e que os resultados tinham mais qualidade. E, agora, a gente está num processo de tentar entender como essa mesma metodologia do voto quadrático pode ser utilizada para levantar a nossa capacidade de fazer avaliações sobre qual o impacto social de grandes investimentos em infraestrutura.

Então esse é um processo que tem que ser contínuo, que é bom começar pequeno... e, de novo, em termos de qual é o caráter do servidor público, eu acho que é de entender que a participação democrática está aqui pra ajudar, para trazer mais legitimidade e mais segurança para as decisões e não para diminuir a autoridade do servidor público, nem do oficial que está eleito, mas, sim, para apoiá-lo nas decisões que estão tomando, e trazer uma riqueza de informação que a gente não consegue ter, geralmente, com processos mais tradicionais.



ADRIANA: Paula, obrigada por esse olhar. Realmente são sempre muito bem vindas as maneiras de a gente incluir mais o olhar do cidadão, de quem efetivamente utiliza o serviço público na ponta.

